A PRESENÇA E A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NOS FILMES NARRADORES DE JAVÉ E PEIXE GRANDE

ANTÔNIO CARLOS DA SILVA SIQUEIRA JÚNIOR

Resumo

O presente artigo tem por objetivo investigar a relação da importância da literatura, que se mostra evidente nos filmes Narradores de Javé (2004) e Peixe Grande (2003). Para tanto, contextualiza-se, de maneira breve, o surgimento dos estudos da Literatura Comparada e fazem-se reflexões, a partir das quais se compreende que tal estudo amplia a dinâmica do comparatismo literário e salienta a importância da Literatura na sociedade.

Palavras-chave: Literatura. Literatura Comparada. Literatura na sociedade.

Introdução

O presente artigo é resultado de reflexões acerca dos filmes Narradores de Javé (2004) e Peixe Grande (2003), com o objetivo de discutir a abordagem de ambos sobre o tema "A importância da Literatura".
Os dois trabalham com narrativas e a sua relevância na e para a sociedade. Em Narradores de Javé há um povo que corre o risco de perder a sua comunidade e a sua história por conta de não possuir nada escrito que prove sua existência; já em Peixe Grande há a divergência entre um pai e um filho sobre a importância das histórias e da fantasia.
Para auxiliar a comparação entre as duas obras, serão usados como materiais teóricos livros e artigos sobre a Literatura comparada, das autoras Bittencourt e Tânia Carvalhal; Teoria da Literatura, com Roberto Acízelo de Souza e Terry Eagleton; importância da criação e da narração de histórias para o indivíduo e para a sociedade, com Josso e Antônio Candido; e, por fim, alguns aspectos da arte Poética/Literária, com Platão e Aristóteles.

Literatura comparada

Ao considerar a expressão "literatura comparada", compreende-se como o estudo que envolve a relação entre duas ou mais literaturas. No entanto, o entendimento do termo vai muito além deste conceito, já que a "comparação" não é um método utilizado exclusivamente nos processos que envolvem o texto literário, podendo ser empregada por diversas ciências. Em uma concepção ampla, torna-se um território vasto de investigação, pautado no estudo de semelhanças, diferenças, analogias, intertextualidades etc.
Sendo assim,

> Pode-se dizer que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. Em síntese, a comparação, mesmo nos estudos comparativos, é um meio, não um fim. (CARVALHAL, 1986 apud UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO, 2009, p. 24).

Quando tomada sob o aspecto da crítica literária, a literatura comparada busca estabelecer um paralelo com obras de outros autores, para explicar e embasar elementos esclarecidos através da reflexão analítica. O objetivo da comparação, neste sentido, não é apenas de formular o âmago dos componentes observados e sim, identificar se são ou não semelhantes.
A literatura comparada surgiu na Europa no século XIX, muito embora "o adjetivo 'comparado', derivado do latim compatativus, já era empregado na Idade Média" (CARVALHAL, 1986 apud UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO, 2009, p. 24). No Brasil, tanto no aspecto acadêmico como na prática crítica, Antônio Candido é o nome mais relevante, pois introduziu a disciplina de Literatura Comparada na Universidade de São Paulo, uma das instituições acadêmicas mais importantes do país.
Candido propôs uma concepção crítica que contribuiu muito para os avanços na criação

de um modelo comparatista “emancipado”, buscando esclarecer os artifícios utilizados para o desenvolvimento de uma literatura que consiga adequar as influências externas. Outro aspecto elucidado pelo autor foi a relação “interliterária Brasil/Europa” (BITTENCOURT, 1996, p. 6). Para ele, a intenção dessas relações vai muito além do aspecto literário, podendo englobar estímulos políticos-pedagógicos, em que é necessário buscar a unificação das nações para fortalecer ideias harmônicas e contrastantes.

ao sugerir que a busca das diferenças é tão essencial quanto a das semelhanças, salienta que importa pensar as relações em termos de América Latina com a finalidade de criar outras categorias de mediações, que nos possibilitem o encontro, não fora, mas dentro de nosso próprio território" (CARVALHAL, 1988, p. 16 Apud BITTENCOURT, p. 16)

Com isso, supera-se, portanto, o conceito de colônia estimulado pelas dicotomias dominador/dominado, centro/periferia, colonizador/colonizado, para estabelecer a igualdade de análise no âmago da literatura comparada brasileira.

A Literatura em Narradores de Javé

Nos filmes Narradores de Javé (2004) e Peixe Grande (2003) percebe-se explicitamente a necessidade da Literatura na sociedade e em nossas vidas. Os dois remetem-nos à história da Literatura ocidental. Iniciemos a discussão com o primeiro, Narradores de Javé.

O filme citado conta a história de um povoado situado no nordeste brasileiro, um local chamado “Vale de Javé”, que será destruído por conta da construção de uma represa. O único modo de deter essa situação é provando, em documento científico, que a cidade possui um patrimônio histórico. Mas as pessoas da cidade não possuem documento algum (nem seus, nem das propriedades, nem da própria “cidade”), nem sabem escrever ou ler.

Porém, isso não significa que Javé não possuía uma história. É assim que os moradores se reúnem e, a partir da escrita de Antônio Biá, a única pessoa do povoado que sabe ler e escrever, eles tentam contar a história e a importância da cidade. O que era conhecido somente pela oralidade, agora seria escrito.

Esse fato remete-nos ao(s) início(s) da(s) Literatura(s), no qual as histórias, sendo fictícias ou não, eram narradas oralmente pelos primórdios/fundadores das vilas. As obras Odisséia e Ilíada, por exemplo, sua “(...) circulação oral na Grécia antiga remonta ao século X a.C (...)” (ACÍZELO, 2003, p. 8), embora tenham sido escritas somente no século VI a.C.

Há várias outras histórias, lendas, mitos, fábulas, contos etc., que, como sabemos, sempre circularam, sendo contadas e recontadas pela sociedade, tornando-se, assim, parte do folclore e da cultura dos povos.

No entanto, há um problema quando não há nada escrito, pois nada prova o fato ou a criação. Foi o que aconteceu a Antônio Biá, que, ao sair pelas casas, recolhendo as histórias do povo, sempre que alguém narrava as origens de Javé, havia divergências ou modificações sobre os acontecimentos. Além do mais, as histórias pareciam muito fantasiosas, sendo contrárias ao exigido inicialmente, como provas científicas.

Embora sejam diferentes, Literatura e Ciência, suas divergências não se resumem somente aos conceitos de subjetividade e objetividade. Seus estudos estiveram juntos por muito tempo na História, e só

(...) no século XIX aparecem plenamente constituídas as fronteiras entre ciência e literatura, compreendidas desde então como dois saberes, atividades ou discursos bem distintos e mutualmente irredutíveis. Isso não significa, no entanto, que não tenha restado alguma porosidade nessas fronteiras (ACÍZELO, 2006, p. 20)

No capítulo IX da Poética, Aristóteles distingue um historiador e um poeta não por um escrever em prosa e o outro em versos, mas sim porque um escreve “(...) os acontecimentos que de fato sucederam, enquanto o outro fala das coisas que poderiam suceder (...)” (ARISTÓTELES, 2004, p. 47), tornando, assim, a Literatura, algo universal, abrangente e filosófica, enquanto a Ciência, mais

restrita a um fato e a um contexto.
Mesmo que as duas disciplinas tenham se separado, ainda hoje a Literatura apropria-se de termos e conceitos científicos, como, por exemplo, o determinismo (muito usado nos períodos do Realismo e do Naturalismo) e os romances de tese. Além disso, sobre o estudo da Literatura, há metodologias e regras para se analisar um texto, por isso há a Teoria da Literatura.
Retornando ao filme Narradores de Javé, percebe-se que os moradores da região, não sabendo a diferença entre ciência e literatura, decidem escrever a história da cidade num livro, acreditando que isto serviria como documento científico, mas na verdade, tal fato estaria relacionado mais à Literatura do que à ciência.
O próprio Antônio Biá, ao referir-se à história do Vale de Javé, menciona várias vezes a palavra "epopéia", mesmo que o povo não saiba o que é. Epopéia é um gênero literário da Poesia, um poema épico que narra os grandes feitos e histórias de um povo ou herói, sendo eles verdadeiros ou "enfeitados". Dois exemplos deste gênero são os já citados Odisséia e Ilíada, de Homero.
Assim como a epopéia ressalta as qualidades da nação e relembra os heróis e os mitos de um lugar, os moradores de Javé, ao narrarem suas origens, sempre citam os nomes "Indalécio" e "Maria Dina" como os fundadores do Vale. No entanto, a cada morador que conta a história, mudam-se os nomes, as características e os atos: Indalécio, que era um herói rebelde contra Portugal, vira Indalício, que depois se torna Indaleo, um africano; Maria Dina, que à primeira vista é narrada como uma mulher guerreira, depois se torna uma louca abandonada, para em seguida virar Oxum.
Essa ausência de personalidade e de raízes pode ser comparada aos românticos. Ora, o Romantismo foi uma escola literária e artística que buscou a História, a Pátria, os mitos, enfim, o passado, para afirmar-se culturalmente no presente. O mesmo acontece ao povo de Javé, que no momento são anônimos e que agora vão atrás dos seus antepassados para justificarem e criarem o seu presente.
Ainda, mencionando os românticos, é importante lembrar-se que eles interiorizavam o mundo enquanto projetavam-se nele. Igualmente acontece ao povo de Javé, que mesmo não sendo reconhecidos pelas autoridades, sem terem voz, consideravam-se importantes. Ao contarem as histórias (que foram relatadas por seus antigos familiares), por mais fantasiosas que fossem, quem narrava realmente acreditava no que dizia. A história e sentimentos estavam interiorizados.
Essa ideia se comprova quando nenhum dos personagens deixa Antônio Biá escrever os fatos à sua forma, acreditando fielmente que o que dizia era verdade e, ao modificar o dito, estariam mentindo. Biá, em alguns casos, gostaria de "melhorar" o fato, "floreá-lo", pois, como ele mesmo diz, "uma coisa é o fato acontecido, outra coisa é o fato escrito. O acontecido tem que ser melhorado no escrito, de forma melhor para que o povo creia no acontecido" (CAFFÉ, 2004, 29min35 – 29min43), mas o povo não permite, considerando essa ideia uma "invenção".
Este caso parece-se muito com a discussão feita por Terry Eagleton, quando diz que, embora seja um pensamento equivocado, "(...) de modo geral, as pessoas consideram como 'literatura' a escrita que lhes parece bonita (...)" (EAGLETON, 2006, p.15). Assim, erroneamente, o povo de Javé pensa que escrever de forma diferente tornará o fato mentira, falso, fictício, portanto, não científico — que é o que eles precisavam.
Finalmente, como toda verdadeira Literatura, mesmo com as discordâncias, desavenças, com o Vale sendo afundado pelas águas e o povo mudando de localidade, sua história foi registrada em livros e conhecida mesmo por quem não os leu. Agora, narrada desde o início, contando como eram antes, como aconteceu a mudança e o que se sucedeu depois; cativando, emocionando, ensinando a importância da leitura, da escrita e da literatura, metalinguisticamente, através do personagem Zaqueu, não no passado, mas no presente, para quem não viveu aqueles momentos marcantes.

Os olhares diferenciados sobre a Literatura em Peixe Grande

O filme Peixe Grande (2003) narra a história de Edward Bloom, um contador de histórias, e seu filho, William Bloom. O pai, Edward, onde quer que vá, sempre conta seus incríveis feitos a todos, o que irrita seu filho, pois este não acredita em nada do que é contado. Os dois personagens são totalmente distintos, pois um acredita que a vida deve ser "embelezada" com metáforas (figuras de linguagem), histórias, lendas, emoção, ficção, enfim, criação; enquanto o outro crê que se deve ver a vida como ela é. É esta discordância que fará com que o pai e o filho rompam a amizade, deixando de se verem por um longo tempo.

Percebe-se em Edward Bloom um "espírito literário", que, através das palavras e das imagens criadas, encanta todos ao seu redor, ao passo que nota-se no filho um olhar mais restrito, fatual. Tanto é assim que, quando Will cresce, torna-se jornalista, uma profissão que geralmente requer a objetividade, diferente do seu pai, que quando mais novo fora vendedor, alguém que, na hora de descrever o seu produto, sempre acrescenta qualidades. Ambos usam a palavra, mas de maneiras distintas.

Esta divergência de olhares sobre o mesmo tema lembra as concepções sobre a Poesia e a criação (a Literatura em termos atuais) entre Platão e Aristóteles . William Bloom possui uma visão platônica sobre a Literatura, enquanto Edward possui um olhar aristotélico. Entenda-se literatura,

(...) da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2004, p. 174).

Ora, sendo a Poesia uma imitação, Platão não a aceita em sua República (PLATÃO, 2007). Isso se deve ao fato de que sendo uma réplica, para ele, o poema (representando a Literatura) seria uma cópia da cópia da verdade, ele e seu autor estariam "(...) três pontos afastados da realidade (...)" (PLATÃO, 2007, p. 296), quando, ao contrário, o homem deveria buscar a essência e a originalidade das coisas.

É assim que pensa e age o filho William Bloom, que se afasta por três anos do próprio pai, por não suportar/aceitar/compreender a ele e a suas "histórias fictícias". Com espírito investigador, objetivo, quando Edward Bloom fica doente, Will busca saber quem seu pai realmente foi.

O filme é repleto de metáforas não só visuais, mas verbais, através do personagem principal, Edward. As aventuras que este homem conta passam-se entre circo, bruxa, homem gigante, irmãs siamesas, lobisomem, cidade fantasma, poeta lendário, sereia, e, claro, a metáfora principal, um peixe enorme. Tudo isso faz parte do universo fantástico, são os elementos mágicos.

A realidade e a ficção unem-se na obra, cativando, igualmente e metalinguisticamente, os ouvintes do contador de história e os telespectadores da película. Edward não inventa suas histórias, ele crê nelas e em si próprio. Na literatura também acontece disso, portanto,

(...) ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções: seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. (CANDIDO, 2004, p. 175/176).

De fato, a Literatura não é uma invenção, ficção, algo fora, inútil ou prejudicial à realidade, como pensava Platão, mas o inverso: é fruto da sociedade, é reflexo dela e benefício para ela. William Bloom, conforme pesquisa a vida do seu pai, consultando documentos, conversando com sua mãe, visitando lugares que seu pai dizia ter conhecido, verifica que, realmente, os locais e as pessoas das histórias eram reais.

A diferença é que seu pai deixava as histórias mais bonitas, mais "floreadas" (não é à toa que seu sobrenome é "Bloom", que traduzido para o português é "florescer"). Diferente do que o filho pensa, somente o fato é insuficiente para uma vivência mais abrangente e plena. É preciso dar forma ao con-

teúdo, pois "o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere (...)" (CANDIDO, ano 2004, p. 178).

As histórias e a Literatura nos encantam porque elas possuem algo chamado catarse, verossimilhança e mímese. Ora, nada é inventado do zero. Por mais fictício que um conto seja, ele possui sua base neste mundo real; toda criação, no fundo, é uma imitação. A obra, por ser uma cópia das ações humanas ou das situações (mímese), possui, assim, certo grau de verossimilhança com o real. Edward Bloom é um contador de histórias, de certa forma, um poeta; não cabe a ele contar "(...) o que aconteceu e sim as coisas quais poderiam vir a acontecer, e que sejam possíveis tanto da perspectiva da verossimilhança como da necessidade (...)" (ARISTÓTELES, 2004, p. 47).

A Literatura possui, então, a junção de imitações das ações sobre a vida, semelhança à realidade e sentimentos dado pela forma como o poeta ou contador de histórias as expõem. Assim, o autor atinge o leitor e o ouvinte, cativando e provocando reações (catarse) entre a obra e o receptor.

O filho, William Bloom, não percebe as histórias desta forma, pelo contrário, vê seu pai como alguém perdido entre a realidade e a ficção. É interessante que, por não conviverem juntos diariamente (Edward viajava muito, por conta de seu trabalho), desde menino, William imaginava e criava ilusões sobre o motivo da ausência do pai, acreditando, em suas fantasias, de que sua mãe era traída.

Isto acontece pelo fato de que

(...) a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado (...) (CANDIDO, 2004, p. 174).

Somente depois é que o filho compreende a importância das lições de seu pai, das histórias, enfim, da essência e da função da Literatura. E, em efeito mimético, quem passa a narrar os acontecidos passados, contribuindo para o prazer do presente e da continuação das narrações para o futuro, é o próprio William Bloom.

Com efeito, "(...) a narração da vida é uma ficção, certamente baseada em fatos reais, e que é essa narração ficcional que permitirá, se a pessoa for capaz de correr tal risco, a invenção de um si autêntico (...)" (JOSSO, 2007, p. 434) — é o que aconteceu a Edward e depois ao seu filho, William.

Literatura e Sociedade

Como foi identificado nos textos acima, é impossível pensar em literatura sem sociedade ou o oposto, pois o homem não vive sem ela. A Literatura é algo inerente ao ser humano, é fruto, reflexo e necessidade. Em todas as épocas, mesmo antes da escrita, as pessoas — independentemente de grau cultural — já imaginavam/fantasiavam e contavam suas histórias e seus pensamentos às pessoas próximas, que os recontavam em outros círculos. Assim nasceram os mitos, as lendas, os causos etc.

Mais importante ainda: assim que se criaram as culturas. Antonio Candido (2004) pontua que

Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles (p. 175).

Pode-se dizer que a Literatura humaniza as pessoas, pois faz com que elas se coloquem no lugar do outro (do personagem), que compreenda as situações de maneira mais ampla, que possua exemplos concretos de possíveis (verossímeis) problemas, tanto quanto soluções. O leitor relaciona a vida à ficção e a ficção à vida.

Percebe-se em Narradores de Javé como a falta do exercício de leitura e escrita fizeram falta àquele povo, sendo reconhecida

somente depois de terem perdido a cidade. Porém, mesmo nos dias atuais (do universo do filme), ainda se vê o quanto a leitura e a literatura não fazem parte do cotidiano da grande maioria, quando o personagem Souza (interpretado por Matheus Nachtergaele), no presente, reclama de sua mãe começar a ler depois de "velha".
O povo, por mais que não tenha gostado de saber que teria sua cidade inundada, não poderia fazer nada, pois nem sabia o que fazer para evitar, não sabia ler ou escrever, não possuía informações, não sabia nem o que era prova científica. Sem a Literatura, o mundo pessoal restringe-se, porque

(...) Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (...) (CANDIDO, 2004, p.175).

É por isso, também, que a Literatura é temida por muitos; porque ela dá conhecimento do bem e do mal a quem lê, formando cidadãos críticos, criando autonomia, ajudando na personalidade e na humanização do ser.
Enquanto em Narradores de Javé a Literatura ajudaria a vida real e social, em Peixe Grande ela é focada na vida espiritual, relacionada a algo transcendente, elevando-a para um patamar mais amplo, pleno e belo.
O filme demonstra que somente a objetividade não supre todas as necessidades, que nem sempre as palavras conseguem expressar o que se deseja, por isso existem as metáforas. O ser humano precisa da beleza, por isso a cria. E essa criação, se bem feita, será imitada por outros: tornar-se- á exemplo, pois

Ao homem é natural imitar desde a infância — e nisso difere ele dos outros seres, por ser capaz da imitação e por aprender, por meio da imitação, os primeiros conhecimentos —; e todos os homens sentem prazer em imitar. (ARISTÓTELES, 2004, p. 40).

Não é à toa que William Bloom também se torna um contador de histórias ao final da película, e o seu filho (neto do Edward) aparenta gostar e seguir o mesmo caminho.
Por fim, verifica-se a presença e a importância da Literatura em ambos os filmes, como ela transfere-se ao mundo real através da ficção e como ela dignifica o ser humano, mudando-o para melhor. Como diz Cândido, "Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável." (CANDIDO, 2004, p. 191). Não a exercer e não a deixar ser exercida é o mesmo que mutilar uma parte essencial à vida.

Considerações Finais

Sem ter a pretensão de se chegar a definições concretas, tentou-se formular uma proposta de trabalho que envolve a análise dos filmes Narradores de Javé e Peixe Grande no âmbito literário, associando à literatura comparada visões que se complementam com dados que só podem enriquecer a análise.
Desse modo, julgou-se possível que a leitura de um filme esclarecesse o outro e, igualmente, pudessem ser desvendadas condições que contribuíssem para a percepção da real importância da literatura na sociedade e na vida dos indivíduos que a compõe.
Em Narradores de Javé, vê-se que a literatura contribuiu não só a aspectos reais e sociais, como também para o amadurecimento do povo. Já em Peixe Grande, a vida é elevada a um nível diferenciado, mostrando que a objetividade e a razão não são capazes de compreender a essência humana, coisa que só a Literatura, como a arte em geral, possui este poder.
É certo que os filmes estudados se prestam a muitos outros enfoques além dos promovidos aqui, mas o foco proposto teve de abrir mão de alguns aspectos, pois um breve artigo não poderia analisar dois filmes tão representativos de forma ampla e profunda simultaneamente.

Referências

ARISTÓTELES. POÉTICA. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

ACÍZELO, Roberto de Souza. Teoria da Literatura. São Paulo: Ática, 2003.

_____, Iniciação aos estudos literários. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BITTENCOURT, A Literatura Comparada no Brasil. Revista Organon – Instituto da Universidade de Letras do Rio Grande do Sul, v. 10, n. 24, 1996. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28687/17370>. Acesso em: 03 de junho de 2025.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

EAGLETON, Terry. Introdução: O que é Literatura? In: Teoria da Literatura: Uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de vida. EDIPUCRS, v.30, n.3, 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741/2088>. Acesso em: 03 de junho de 2025.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliana Caffé. Brasil: Bananeiras Filmes, 2004. 102”01’. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8>. Acesso em: 03 de junho de 2025.

PEIXE grande. Direção: Tim Burton. E.U.A: Columbia Pictures Industries. 125”10’. Disponível em: < https://youtu.be/YUuMceCB-2bI?si=rvpPXjI9putoQ2H4>. Acesso em: 03 de junho de 2025.

PLATÃO. A República. São Paulo: Martin Claret, 2007.

UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO – UCB. Literatura comparada: Ponto de vista de Tânia Franco Carvalhal. In: Literatura Comparada. Rio de janeiro: UCB, 2009.